

O Tio Vânia

ANTON TCHÉKHOV

O Tio Vânia

Cenas da vida no campo

Peça em quatro actos

Tradução de
António Pescada



O Tio Vânia

A tradução aqui publicada foi encomendada para a criação estreada no Teatro Carlos Alberto – Porto, no dia 10 de Novembro de 2005:

O Tio Vânia

de ANTON TCHÉKHOV

Tradução ANTÓNIO PESCADA

Encenação e cenografia NUNO CARINHAS

Figurinos BERNARDO MONTEIRO

Desenho de luz NUNO MEIRA

Desenho de som MIGUEL ÂNGELO SILVA

Fotografia pano de terra PAULA BENITO

Preparação vocal e elocução JOÃO HENRIQUES

Elenco

ALEXANDRA GABRIEL Sofia Aleksándrovna (Sónia)

EMÍLIA SILVESTRE Elena Andréievna

ISABEL ALVES COSTA Maria Vassílievna Voinítskaia

JOÃO CARDOSO Ivan Petróvitch Voinítski (Vânia)

JOÃO PEDRO VAZ Mikhaíl Lvóvitch Astrov

JORGE MOTA Iliá Ilitch Teléguin

JORGE PINTO Aleksáedr Vladímirovitch Serebriakov

PAULO FREIXINHO Empregado

ROSA QUIROGA Marina

Co-produção

ASSÉDIO, ENSEMBLE – SOCIEDADE DE ACTORES, TNSJ

Personagens

SEREBRIAKOV, ALEKSÁNDR VALDÍMIROVITCH, professor reformado

ELENA ANDRÉIEVNA, sua mulher, de 27 anos.

SOFIA ALEKSÁNDROVNA (SÓNIA), sua filha do primeiro casamento.

VOINÍTSKAIA, MARIA VASSÍLIEVNA, viúva de um conselheiro, mãe da primeira mulher do professor.

VOINÍTSKI, IVAN (VÂNIA) PETRÓVITCH, filho dela.

ASTROV, MIKHAÍL LVÓVITCH, médico.

TELÉGUIN, ILIÁ ILITCH, latifundiário empobrecido.

MARINA, velha ama.

EMPREGADO.

A ação decorre na propriedade de Serebriakov.

PRIMEIRO ACTO

Jardim. Vê-se uma parte da casa com terraço. Na alameda, sob os velhos álamos, há uma mesa posta para o chá. Bancos, cadeiras; sobre um dos bancos está pousada uma guitarra. Perto da mesa há um baloiço. Passa das duas horas da tarde. O céu está nublado. Marina (uma velha balofa e pesadona, sentada junto do samovar, faz croché) e Astrov (caminha ao pé dela).

MARINA

(Enchendo um copo.) Vem comer, meu querido.

ASTROV

(Aceita involuntariamente o copo.) Não tenho vontade.

MARINA

Bebes talvez uma pinga de vodca?

ASTROV

Não. Eu não bebo vodca todos os dias. Além disso o tempo está abafado.

Pausa.

Ama, há quanto tempo nos conhecemos?

MARINA

(Reflectindo.) Quanto tempo? Queira Deus que eu me lembre... Tu vieste para cá, para esta região... quando foi?... Vera Petrovna, a mãe de Sónia, ainda era viva. No tempo dela vieste para cá dois invernos... Bem, quer dizer que passaram uns onze anos. *(Depois de pensar um pouco.)* Ou talvez mais...

ASTROV

Eu mudei muito desde esse tempo?

MARINA

Muito. Nesse tempo eras jovem, bonito, e agora estás velho. E a tua beleza já não é o que era. Ainda por cima bebes vodca.

ASTROV

Pois é... Em dez anos tornei-me outro homem. E qual é a razão? Trabalhei de mais, ama. Sempre a pé de manhã à noite, não tenho sossego. E à noite está uma pessoa debaixo do cobertor com receio de que o venham chamar para um doente. Em todo este tempo, desde que nos conhecemos, não tive um único dia livre. Como não envelhecer? E a vida é em si mesma aborrecida, estúpida, suja... Esta vida é opressiva. À nossa volta só vemos tipos esquisitos, só tipos esquisitos por todo o lado; um homem vive com eles dois ou três anos e pouco a pouco, sem dar por isso, torna-se também esquisito. Destino fatal. *(Torce o longo bigode.)* Ih, que grande bigode me cresceu... Bigode estúpido. Tornei-me esquisito, ama... Estúpido ainda não estou, graças a Deus, o cérebro continua no seu lugar, mas os sentidos estão como que embotados. Não quero

nada, não preciso de nada, não gosto de ninguém... Se calhar só gosto de ti. (*Dá-lhe um beijo na cabeça.*) Em criança tinha uma ama assim, como tu.

MARINA

Não queres comer?

ASTROV

Não. Há duas semanas, durante a Quaresma, fui a Má-litskoie por causa de uma epidemia... Tifo... As pessoas estão todas doentes nas isbas... Lama, fedor, fumo, os bezerros pelo chão junto com os doentes... Os porcos também por ali... Andei o dia inteiro ocupado, sem me sentar, sem comer nada, e chego a casa não me dão descanso — trouxeram-me um agulheiro do caminho de ferro; deitei-o na marquesa para o operar, e ele vai e morre-me com o clorofórmio. E quando não deviam, os meus sentidos despertaram e a consciência começou a apertar-me, como se eu o tivesse morto de propósito... Sentei-me, fechei os olhos — e fiquei a pensar: aqueles que viverem daqui por cem ou duzentos anos e para quem abrimos hoje o caminho, irão lembrar-se de nós com uma boa palavra? Não lembram, ama!

MARINA

As pessoas não se lembram, mas Deus lembra-se.

ASTROV

Pois obrigado. Dizes muito bem.

Entra Voinítski.

VOINÍTSKI

(Vindo da casa; adormeceu depois do almoço e tem um aspecto amarrotado; senta-se num banco, endireita a sua elegante gravata.)

Sim...

Pausa.

Sim...

ASTROV

Dormiste bem?

VOINÍTSKI

Dormi... muito. *(Bocejando.)* Desde que o professor vive aqui com a mulher, a vida saiu dos eixos... Durmo fora de horas, ao almoço e ao jantar como toda a espécie de mistelas, bebo vinho... tudo isto faz mal à saúde! Dantes não tinha um minuto livre, eu e a Sónia trabalhávamos, e trabalhávamos bem, e agora só a Sónia trabalha, e eu durmo, como, bebo... Não está certo!

MARINA

(Abanando a cabeça.) Que hábitos! O professor levanta-se ao meio-dia e o samovar está a ferver desde manhã, à espera dele. Quando eles não estavam cá almoçávamos sempre à uma hora, como as pessoas fazem em todo o lado, e com eles é depois das seis. À noite o professor lê e escreve, e de repente às duas horas toca a campainha... Que há, senhor? Chá! Por causa dele é preciso acordar o cozinheiro, acender o samovar... Que hábitos!

ASTROV

E ainda vão ficar aqui muito tempo?

VOINÍTSKI

(*Assobiando.*) Cem anos. O professor decidiu instalar-se aqui.

MARINA

Ainda agora. Há já duas horas que o samovar está na mesa e eles foram passear.

VOINÍTSKI

Lá vêm, lá vêm... Não te preocupes.

Ouvem-se vozes; do fundo do jardim, regressando do passeio, caminham Serebriakov, Elena Andréievna, Sónia e Teléguin.

SEREBRIAKOV

Excelente, excelente... Umas vistas maravilhosas.

TELÉGUIN

Magníficas, Excelência.

SÓNIA

Amanhã vamos à floresta, papá. Queres?

VOINÍTSKI

Senhores, vamos tomar o chá!

SREBRIAKOV

Meus amigos, mandem-me o chá ao escritório, por favor!
Preciso de fazer uma coisa ainda hoje.

SÓNIA

De certeza vais gostar de ir à floresta...

Elena Andréievna, Serebriakov e Sónia entram na casa; Teléguin dirige-se para a mesa e senta-se ao lado de Marina.

VOINÍTSKI

Está um calor abafado mas o nosso grande cientista anda de sobretudo, galochas, guarda-chuva e de luvas.

ASTROV

Quer dizer que se protege.

VOINÍTSKI

E ela é tão bonita! Tão bonita! Nunca na minha vida vi mulher mais bonita.

TELÉGUIN

Eu, Marina Timoféievna, quando vou a cavalo pelo campo ou passeio à sombra do jardim, ou olho para esta mesa, sinto uma inexprimível felicidade! O tempo está lindo, há pássaros a cantar, nós vivemos em paz e harmonia — que mais queremos? *(Pegando no copo.)* Muito agradecido!

VOINÍTSKI

(Sonhador.) Aqueles olhos... Mulher maravilhosa!

ASTROV

Conta qualquer coisa, Ivan Petróvitch.

VOINÍTSKI

(Com indolência.) Contar-te o quê?

ASTROV

Não há nada de novo?

VOINÍTSKI

Nada. É tudo velho. Eu sou o mesmo que era, tornei-me talvez pior, porque fiquei preguiçoso, não faço nada e ando sempre a resmungar como um velho rezingão. A minha velha gralha, a *maman*, continua a palrar acerca da emancipação das mulheres; está com um olho na cova, mas com o outro procura nos seus livros eruditos o alvorecer de uma nova vida.

ASTROV

E o professor?

VOINÍTSKI

O professor fica sentado de manhã à noite no seu escritório a escrever. «A mente tensa, a testa franzida, escrevemos odes, escrevemos, e elogios a elas ou a nós, não os ouvimos nem os vemos.»¹ Pobres papéis! Era melhor que ele escrevesse a sua autobiografia. Que excelente tema, esse! Um professor reformado, compreendes, um velho áspero, um bacalhau erudito... Gota, reumatismo, enxaqueca, com o fígado inchado de ciúme e de inveja... Esse bacalhau vive na propriedade da sua primeira mulher, contrariado porque não lhe chega a bolsa para viver na cidade. Sempre a queixar-se das suas desgraças, embora no fundo seja invulgarmente feliz. (*Nervosamente.*) Vê lá tu que sorte! Filho de um simples sacristão, seminarista,

¹ Versos do poeta Dmitriev (1760-1837). (N.T.)

alcançou grau científico e uma cátedra, tornou-se Sua Excelência, depois senador, etc., etc. De resto nada disso é importante. Mas repara nisto. Durante vinte e cinco anos um homem lê e escreve sobre arte sem perceber nada de arte. Durante vinte e cinco anos remói ideias alheias sobre o realismo, o naturalismo e todas essas tolices; durante vinte e cinco anos lê e escreve sobre coisas que as pessoas inteligentes já sabem há muito tempo e de que os tolos não querem saber — quer dizer, vinte e cinco anos a despejar do oco para o vazio. E ao mesmo tempo que presunção! Que pretensões! Reformou-se e ninguém o conhece, é um perfeito desconhecido; quer dizer que durante vinte e cinco anos ocupou um lugar que não era dele. Mas olha: caminha como um semideus!

ASTROV

Ora, tu parece que tens inveja.

VOINÍTSKI

Sim, tenho inveja! E que sucesso com as mulheres! Nenhum Don Juan teve um sucesso tão completo! A primeira mulher, minha irmã, uma criatura excelente, dócil, pura como este céu azul, nobre, generosa, que tinha mais pretendentes do que ele tinha alunos, amava-o como só os anjos puros podem amar outros anjos tão puros e belos como eles. A minha mãe, sogra dele, ainda hoje o adora e ainda hoje ele lhe inspira um medo sagrado. A segunda mulher, uma beldade, inteligente — acabam de vê-la agora mesmo — casou-se com ele já velho, entregou-lhe a sua juventude, a beleza, a liberdade, o seu brilho. Para quê? Porquê?